

A OPERÁRIA NO ROMANCE INGLÊS E ESTADUNIDENSE DO SÉCULO XIX

Cristina Stevens¹

Resumo: *O presente trabalho objetiva analisar os efeitos da Revolução Industrial na redefinição dos papéis da mulher na sociedade inglesa/norte americana do século XIX. Enfatizaremos os seguintes aspectos: o surgimento da classe trabalhadora e a exploração da mulher como mão de obra barata; a transição da sociedade rural para a sociedade industrial; o efeito desagregador desses fatores na formação da família e a construção da ideologia do anjo do lar. Acrescentamos à dimensão de gênero a problemática da classe trabalhadora, na análise de obras de Elizabeth Gaskell e Rebecca Harding Davis.*

Palavras-chave: *metaficção historiográfica; romance industrial; romance vitoriano.*

Abstract: *The present work aims at analyzing the effects of the Industrial Revolution in the redefinition of the role of women in Nineteenth-century England and the United States. We compare historical and sociological material with their fictional treatment, and the interface gender-class in some novels by Elizabeth Gaskell and Rebecca Harding Davis. We study the birth of working class consciousness, the exploitation of women as source of cheap labour, the process of industrialization and urbanization in its general aspects, and their disruptive effects in the traditional concept of family as well as the consequent development of the home-sweet-home ideology and of the image of women as the angel in the house.*

Keywords: *historiographic metafiction; the industrial novel; the victorian novel.*

¹ Universidade de Brasília.

O período vitoriano pode ser considerado um dos mais ricos para estudo e pesquisa em todas as áreas do conhecimento; decidimos estudá-lo pelas evidentes implicações que ele traz para a sociedade contemporânea. O termo 'vitoriano' foi empregado pela primeira vez como adjetivo em 1851, para descrever essa época de profundas mudanças na sociedade inglesa e no mundo moderno, durante os sessenta e quatro anos do reinado da rainha Vitória. Entre muitas outras mudanças, observa-se a consolidação de uma sociedade industrial; seu corolário natural, a classe trabalhadora, estabelece-se como classe permanente que constitui cerca de 75% da população da Inglaterra na época.

O processo de industrialização da Inglaterra não foi a única mudança revolucionária que transformou irreversivelmente o séc. XIX; as mulheres foram tremendamente afetadas por esse processo, com legados importantes para as gerações futuras. Embora o romance vitoriano seja considerado uma espécie de precursor dos estudos de sociologia e psicologia, os romancistas compreensivelmente não apresentam uma descrição objetiva da-história e sociedade da época. Descrevem sobretudo mulheres da aristocracia e da crescentemente poderosa burguesia.

Como sabemos, a classe operária surgiu na Inglaterra, onde também surgiu o primeiro Partido do Trabalhador Independente em 1893. Como demonstram registros que estão sendo redescobertos ou reinterpretados, entre 1851 e 1871 as mulheres na Inglaterra constituíam cerca de 31% da classe trabalhadora, o que representava aproximadamente 27% da população feminina. (Olafson, 1981: p. 273). Esta estatística diminuiu um pouco hoje; de acordo com a publicação *Women in Britain*, do HMSO, a mulher compõe pouco mais de dois quintos do total da força de trabalho na Inglaterra. Além de serem parcialmente responsáveis pela manutenção da família com a produção do trabalho na fábrica, pelas inúmeras e pesadas tarefas domésticas e de 'reprodução' da família, a mulher ainda produzia vários itens para consumo e troca no âmbito da comunidade, herança da base agrária do passado recente. Entretanto, essa contribuição vahnosíssima está largamente subestimada, quando não ausente dos registros ditos 'oficiais'. A palavra 'trabalho' tinha significados diferentes para o homem e para a mulher, sobretudo a partir de uma nova interpretação cultural e econômica do trabalho com base na economia industrial em expansão.

As estatísticas acima também têm seu lado escuro, denunciado principalmente por Engels em seu livro *The Condition of the Working Class in England*, que descreve detalhadamente os efeitos degradantes da experiência de industrialização sobre o proletariado, especialmente para a mulher operária. Forçadas a trabalhar entre 14 a 16 horas diárias para ganhar um terço - ou no máximo a metade - do salário do trabalhador, eram preferidas pelos empregadores por submeterem-se (por motivos óbvios) mais facilmente às cruéis condições de trabalho e de salário; isto as colocava em condições de conflito diante de seus esposos, parceiros e companheiros homens. Engels descreve alguns efeitos que as péssimas condições de trabalho nas fábricas provocam nas mulheres, tais como o efeito retardado da constituição do corpo feminino, a desorganização da estrutura familiar, aumento de acidentes com as crianças (queda, queimaduras, afogamentos) as quais recebem doses diárias de ópio para mantê-las calmas enquanto as mães estão trabalhando nas fábricas. Promiscuidade e prostituição, uma nova versão da *jus prima noctis* dos tempos medievais, provocada pela condição vulnerável da mulher diante do patrão, do seu superior imediato, ou até mesmo dos seus companheiros de trabalho.

Com esse breve resumo da situação da mulher operária na Inglaterra vitoriana, passamos a examinar alguns romances que expõem a realidade da sociedade urbana e industrial. O mito que esses romances perpetuam é o da mulher frágil, submissa e angelical, em consonância com material prescritivo, doutrinário, dito 'científico' abundantemente produzido na época sobre a natureza da mulher. A literatura dessa época às vezes é caracterizada como propagandística e didática; esperava-se que o escritor fornecesse diversão e instrução para o leitor, uma espécie de 'estética moral', orientando a sociedade nesse complexo processo de transformação que ela vivia. E portanto surpreendente verificar que nesse tratamento da sociedade vitoriana, os escritores negligenciaram a importância da classe trabalhadora e praticamente ignoraram a figura da mulher operária, mesmo naqueles romances caracterizados como 'romances industriais'.

Ao analisarmos personagens dos romances escritos por mulheres, verificamos a mesma tendência de distanciamento entre experiência e formulação discursiva. Entretanto, essas escritoras tentam construir personagens femininas que lutam para cultivar mentes independentes e emoções fortes, vivenciando terríveis conflitos de identidade e buscando

encontrar novos papéis nessa sociedade em rápida transformação. O lar era o 'local de produção' para algumas mulheres de classe média, as quais, também para complementar a renda familiar, estavam 'produzindo' o que poderia ser considerado a melhor literatura da época; para tanto, tiveram que enfrentar oposições de uma sociedade paradoxalmente conservadora que considerava a profissão de escrever como um exercício intelectual e como tal, inadequado para mulheres.

Algumas vezes escondendo-se atrás de pseudônimos, essas "scribbling women" - como irritadamente as classificava Nathaniel Hawthorne, gradualmente alcançaram um público leitor cada vez mais receptivo; modestas e apologéticas a princípio, depois sutilmente revolucionárias, as escritoras tornaram-se mais abertamente críticas dos valores dessa sociedade patriarcal. Entretanto, quando se trata da questão proletária, as pressões da industrialização e urbanização, elas trabalharam esses temas à luz da ideologia da classe média na qual elas estavam inseridas. Além disso, elas exploram essa problemática de uma forma bastante limitada, uma vez que tinham apenas conhecimento indireto do que acontecia além dos limites estreitos de sua vivência. Escritos numa época em que meninas entre cinco e seis anos de idade já começavam a trabalhar nas fábricas, em que estatísticas oficiais estavam destruindo o mito de que a mulher da classe trabalhadora era sustentada pelo marido, romances como *Shirley* (1849), de Charlotte Brontë, ignoram esses fatos e continuam a prescrever os tradicionais papéis para as mulheres. Surpreendentemente, as mulheres escritoras também ignoravam a importância da mulher operária na sociedade vitoriana.

Ehzabeth Gaskell (1810-65) começou a escrever apenas doze anos após seu casamento, seguindo o conselho do marido, o qual aconselhou esse saudável "exercício" para sua esposa como uma espécie de lenitivo para sua profunda depressão - causada pela morte do seu quarto filho. Apesar da razoável produção nos seus apenas dezessete anos de 'carreira' literária (oito romances, além da Biografia de Charlotte Brontë), sua importância só recentemente tem sido reconhecida. Seu esposo era um pároco em Manchester, a 'Meca' da nova 'religião' do mundo industrializado mas também centro dos terríveis conflitos envolvendo o trabalho e o capital. Por essa razão, a senhora Gaskell tinha um razoável conhecimento desses conflitos de classe, temas que ela explora em dois

dos seus romances: *Mary Barton* (1848) e *North and South* (1855). Esses romances são hoje considerados sem paralelo na descrição dos problemas causados pela exploração do trabalho durante o processo de industrialização, bem como as péssimas condições de vida da classe pobre nos centros urbanos que cresciam vertiginosa e desorganizadamente. Na época de suas publicações entretanto, provocaram reações ambíguas por parte da crítica, como a que traduzimos a seguir, a qual classificava a autora como "uma das mais verdadeiras e patéticas protetoras dos pobres. ... Suas simpatias são profundas, femininas ("womanly"), atenciosas, completamente normais. O resultado é uma limitação, economia e equilíbrio" (Introdução a *Mary Barton*, p.X).

Os livros também provocaram protestos furiosos por parte da burguesia, que os considerava injustos com relação-à classe dominante e incitadores de conflitos de classe. Abandonando sua excepcional coragem na exposição das crueldades do sistema capitalista, E. Gaskell publicamente renuncia à força dos argumentos construídos em seus romances:

Acredito que o que escrevi em *Mary Barton* é perfeitamente verdadeiro, mas de forma alguma a verdade completa. Se, em minha ignorância, escolhi uma perspectiva que me pareceu boa mas que os homens de negócios consideram um fracasso, eu estaria cometendo uma injúria em vez de prestando um bom serviço. ...E gostaria que algum homem que tivesse o conhecimento adequado de um homem, escrevesse sobre este assunto. (Cunningham, 1977: p. 1336)

Embora obra de ficção, *Mary Barton* tem uma importante qualidade documental pois registra as péssimas condições de vida dos pobres, os problemas causados pela subnutrição, falta de sanidade, sujeira, ópio, bebida; ela também discute a importância do movimento Chartista e as conseqüências do seu insucesso. Entretanto, essa sensibilidade para com o problema dos pobres modifica-se em relação à luta de classe. Ela trabalha essa questão sob a perspectiva da esposa de um pároco, uma tolerante cristã de classe média que não tem conhecimento real da complexidade e seriedade do problema:

O contraste é enorme. Por que ele [John Barton] deveria sofrer sozinho as conseqüências da depressão? Mas sei que as coisas não são bem assim; entretanto, o que pretendo mostrar é o que o trabalhador sente e pensa. Também é verdade que, com sua característica imprevidência infantil, os bons tempos dissiparão seu mau humor e farão com que ele esqueça toda prudência e preparação para o futuro. (Gaskell, 1964: p. 21)

De acordo com Raymond Williams, o romance tinha originalmente o título de John Barton, segundo a autora, "o personagem a quem eu dirijo toda a minha simpatia" (Williams, 1985: p. 100); entretanto, ainda segundo Williams, a autora foi pressionada pelos editores para mudar o título e conseqüentemente o foco de sua atenção. Essa mudança radical de ênfase afetou seriamente a composição do livro. Além disso, a apresentação de John Barton também reflete o temor da autora (que refletia bem a posição quase consensual da classe média) de uma revolução da classe trabalhadora; assim, a intensidade da indignação do(a) narrador(a) gradualmente transforma-se em um piedoso desejo de media e suavizar as posições extremistas entre patrões e empregados. A medida que John Barton envolve-se em militância combativa, torna-se um personagem enfurecido, embrutecido, fanático: "A peregrinação de Barton precisava de compreensão; mas seus pensamentos e seu coração estavam maculados pelo pecado, pelo ódio feroz das pessoas felizes que ele simplesmente confundia com egoístas" (Gaskell, 1964: p. 58). Sua filha Mary é apenas uma costureira, já que seu pai a proíbe de trabalhar na fábrica, a qual ele considerava lugar de prostituição e má conduta e portanto inadequado para uma jovem. Sua momentânea hesitação entre um flerte inocente com um jovem rico e seu amor verdadeiro e menos romântico com alguém de sua classe social, traz conseqüências dramáticas que se resolvem apenas ao final do romance. Este enredo romântico ganha importância no romance, na proporção em que a figura do firme e corajoso John Barton torna-se gradualmente insignificante; ele comete um crime, motivado pelos seus ideais trabalhistas, e é expiado deste terrível pecado por um remorso profundo que o castiga cruelmente e o leva à morte, para ele uma libertação.

Gaskell trabalha o problema da prostituição, não sob a ótica da moralidade hipócrita da sociedade vitoriana mas como vitimização inevitável

para algumas mulheres, conseqüência de uma sociedade capitalista cruel. Introduz também algumas mulheres operárias em seu romance mas elas têm atuação bastante secundária; ao contrário, seu papel na sociedade industrial é assim comentado por seus companheiros trabalhadores: "... e o que é pior dessas operárias é que elas podem ganhar bem [??] quando há abundância de trabalho e por isso podem tornar-se independentes" (Gaskell, 1964: p. 7). Esses trabalhadores também refletem o mito da classe média da mulher como o Anjo do Lar:

Eu pergunto como o Príncipe Albert reagiria se não encontrasse sua esposa ao chegar em casa cansado querendo alguém para alegrá-lo; e depois ela chegar também cansada e faminta; e nunca encontrá-la em casa para supervisionar a limpeza da casa e manter a lareira sempre acesa. Sem falar de ter sempre suas refeições sem sabor e sem conforto. Aposto que ele, mesmo sendo príncipe, se fosse servido dessa forma, ia terminar numa casa de bebidas ou algo parecido. Por que então ele não pode fazer uma lei proibindo as mulheres de trabalhar nas fábricas? (Gaskell, 1964: p. 113)

Longe de sugerir soluções para os temidos conflitos de classe, a autora premia o jovem e bem comportado casal com a estratégica solução dos seus problemas econômicos através para a imigração para o Novo Mundo. Não é difícil entender essa hesitação no enfrentamento dos sérios conflitos de classe na Inglaterra industrial, se considerarmos a posição de Gaskell como esposa de um respeitável pároco, bem como as limitações do seu conhecimento sobre os grandes temas políticos e econômicos debatidos na época.

A solução não é menos escapista em *North and South*, escritos quando a séria crise dos problemáticos anos 40 estava razoavelmente sob controle. O romance trabalha não apenas as questões ligadas ao capital e ao trabalho mas explora também uma outra dimensão da divisão da Inglaterra em 'duas nações': o sul agrário e o norte industrializado. Embora a autora não pretenda um retorno utópico aos valores da sociedade agrária, não deixa de ser utópica a sua visão de uma ligação natural entre essas duas formas de desenvolvimento e organização da sociedade.

North and South nos apresenta uma grande variedade de personagens femininas, algumas com papéis bastante renovadores; além de empregadas bastante inteligentes como Dixon, temos várias operárias alegres e independentes. Entretanto, vale salientar que com relação a essas últimas, as chamadas "garotas de Milton", o(a) narrador(a) posiciona-se de forma um tanto ambivalente, caracterizando-as algumas vezes como um pouco rudes, "que davam muitas gargalhadas, falavam muito alto e eram muito faladas... aparentemente excitadas numa alegria excessiva e numa independência audaciosa de temperamento e comportamento" (Gaskell, 1970: p. 180). A mãe de Thornton, uma mulher forte e resoluta sem a qual seu filho jamais poderia ter assumido uma invejável posição de riqueza e poder na qualidade de dono de uma grande fábrica - uma das muitas mulheres fortes que ficam apenas como pano de fundo, na já imensa galeria das silenciosas mulheres que se tornam capacitadoras do desenvolvimento do homem.

Da mesma forma que Jane Austen bem antes dela, Gaskell critica sutilmente as tradicionais negociações de casamento que ainda constituíam a melhor 'carreira' para a mulher da época. Quando o romance inicia, uma "Bela Adormecida" está para entrar nesse "negócio que só interessa as mulheres" (p. 40). No final do romance, um outro tipo de casamento acontece, envolvendo os personagens principais num casamento entre mentes mais independentes: Thornton, o empresário bem sucedido do norte e a pura e rebelde Margaret, uma sulista trazida "indomada da floresta" (p.38) para domar esse homem "feito de ferro" (p.274), representante do poder da máquina no norte da Inglaterra industrial.

Sr. Hale, um ex-vigário de uma pequena paróquia abandona sua crença religiosa, sua profissão e sua cidade no sul da Inglaterra para estabelecer-se em Milton, uma grande cidade manufatureira situada ao norte da Inglaterra. Sua filha Margaret no princípio reage com repugnância à realidade suja e sofrida dos habitantes da cidade; gradualmente entretanto, ela desenvolve profunda simpatia e consternação - "uma simpatia feminina" (p. 38) como nos explica a narradora - pelos terríveis dilemas dos trabalhadores da cidade, por quem é "corrompida" a tornar-se "uma democrata, uma republicana vermelha, um membro da Sociedade pela Paz, uma socialista", como a descreve um personagem masculino (p. 409). A autora utiliza adjetivos que descrevem Margaret como "simples, direta, de

olhar impassível" (p.99), com "nobre civilidade" (p. 117), "presença destemida, dignificada" (p.100), com comportamento "feminino e suavemente desafiador"(p. 100). Essa construção ambivalente sobre a força e o papel de sua personagem feminina central também reflete noções românticas da autora de que os conflitos poderiam ser resolvidos através de compreensão mútua dos interesses do capital e do trabalho:

Sei muito pouco sobre greves, sobre nível de salários, sobre capital e trabalho, portanto não deveria estar falando com um economista político como você. [Mas] vejo duas classes que dependem uma da outra em todos os sentidos, ainda assim frontalmente considerando os interesses do outro como opostos aos seus; nunca vivi antes num lugar onde dois grupos de pessoas insistem em derrubar o outro. (p. 165)

Margaret é impotente para impedir a greve, descrita como uma "fúria insana" (p. 196) desencadeada por trabalhadores "ferozes" (p. 231) guiados de forma cega e irracional por "selvagens que adoram excitação cruel" (p.234). Entretanto, é através de sua "força imperial" (p.233) que Margaret interfere e de forma heróica consegue salvar a vida de Thornton, persuadindo os trabalhadores a não estragar a justa causa deles através de comportamento violento. Como homem, Thornton exercita seu direito de declarar o amor que sente por Margaret; através desse nobre sentimento que ela lhe inspira, ele gradualmente redireciona sua energia para objetivos mais humanitários; assim, afetado pela sensibilidade humanitária do Sul, este homem "de granito" adquire melhor compreensão sobre a dignidade e importância das "mãos" que o ajudaram a atingir sua posição privilegiada. Forte no início, Margaret se fragiliza diante da árdua tarefa de tornar a vida dos outros melhor; mais uma vez uma herança providencial (como dissemos, uma estratégia amplamente utilizada por escritoras que queriam recompensar personagens femininas fortes e inteligentes mas que não tinham independência financeira, nem 'um quarto só para elas'. Surpreende-nos entretanto que, tão logo adquire seu status financeiramente independente, Margaret voluntariamente renuncia a essa liberdade através de seu casamento com Thornton, para quem ela também transfere todo seu dinheiro. Com esse 'casamento ideológico' a autora romanticamente une os

valores complementares do norte e do sul da Inglaterra.

A extraordinária visão social que a escritora George Eliot desenvolve em seus romances sempre foi entusiasticamente recebida pela crítica, que reconhece sua habilidade em trabalhar questões ligadas a problemas econômicos, conflitos políticos, luta de classe. Entretanto, seu interesse quase sociológico na classe pobre parece ser bastante conservador, fazendo-nos lembrar um pouco de Disraeli; vejamos as palavras da autora:

Se as reivindicações da multidão desafortunada dos trabalhadores guardam nelas princípios que devem regular o futuro, não é menos verdadeiro que as classes privilegiadas, em sua herança do passado, detém o precioso metal sem o qual nenhum futuro digno e nobre pode ser moldado (Williams, 1985:p.1 17)

Nos romances *The Mill on the Floss* (1860) e *Felix Holt* (1866) a autora expõe a velha estrutura social da Inglaterra rural sob o impacto da industrialização; novamente, a mulher operária está ausente nessas obras, as quais evidenciam a indisfarçável insatisfação da autora para com a sociedade burguesa que se recusava a perceber seu débito profundo para com a explorada classe trabalhadora industrial e rural.

Surpreende-nos concluir que romances produzidos no país berço da revolução industrial evidenciam reconhecimento do problema mas hesitação em se envolver e propor soluções viáveis. Procuramos identificar essa temática em dois romances da estadunidense Rebecca H. Davis (1831 - 1910): *Life in the Iron Mills* (UM) e *Margret Howth* (MH). Essas obras tratam da questão operária mas se diferenciam dos romances ingleses por apresentarem uma visão muito mais verdadeira das injustiças e exploração da classe trabalhadora e também da mulher operária. Tillie Olsen assim caracteriza a surpreendente coragem da escritora (uma mulher solteira de trinta anos que vivia bem distante dos círculos literários de sua época), ao escolher uma temática tão revolucionária, que anteciparia o romance proletário dos anos 1930s e em mais de duas décadas o romance de Zola (*Germinal*) sobre a classe operária: "Sem precedentes ou antecessores, o romance registrou o que ninguém antes havia registrado; sozinho em sua época e por décadas posteriores, Davis sentiu a importância, o presságio de materiais ignorados, desprezados - e os transformou em arte.

Publicado em 1861 no *Atlantic Monthly* (que exigiu que o nome da autora não fosse revelado), LIM causou sensação imediata e foi considerado um marco na literatura norte-americana. Talvez pelo choque provocado pela temática inesperada, uma vez que o sofrimento e opressão da classe trabalhadora nunca havia antes merecido atenção séria na literatura. Redescoberto em 1985 pela *Feminist Press*, após 124 anos de negligenciamento, o livro já recebeu nove tiragens em apenas doze anos e hoje é considerado pelo *San Francisco Chronicle* "A Cabana do Pai Tomaz do capitalismo norte-americano". Escrevendo sob a proteção de um pseudônimo, Mrs. Davis introduziu as fábricas como tema central em um romance estadunidense.

Poucos habitantes de uma cidade industrial conhecem a imensa maquinaria do sistema através do qual os corpos de trabalhadores são governados ano após ano sem cessar. As mãos de cada fábrica são divididas em turnos de vigiância que se revezam regularmente como sentinelas de um exército. O trabalho prossegue dia e noite; as máquinas vigilantes rugem e berram, os as piscinas fumegantes de metal fervem and borbulham. Em apenas um dia da semana, como pequena cortesia à censura pública, as fornalhas são parcialmente encobertas; mas logo que o relógio bate meia-noite, os enormes fornos retornam com fúria renovada e o clamor recomeça com um vigor fresco e sem descanso; as máquinas choram e gritam como deuses em dor. ...Se você pudesse visitar essas fábricas onde a Débora trabalha, e arrancar dos corações desses homens a terrível tragédia de suas vidas, considerando-as como um sintoma da doença da classe operária, nenhum fantasma de terror iria horrorizá-lo mais. Uma realidade de almas famintas, de morte em vida, que você pode encontrar todos os dias nas faces deformadas que caminham pelas ruas. (pp. 19 e 23)

Os críticos acham difícil classificar este trabalho da Mrs. Davis - uma parábola, um conto, um romance curto? Em razão de sua forma

inovadora; igualmente inovador é o ponto de vista utilizado pela autora, que nos seduz a visitar o texto e praticamente integrá-lo:

Você consegue ver como o dia está nevoento? Aqui estou eu, preguiçosamente debruçada na janela, e olhando através da chuva para o pátio sujo e para os vagões de carvão lá longe; fragmentos de uma velha estória flutuam diante de mim - uma estória desta velha casa na qual por acaso encontro-me hoje. Você pode pensar que é uma estória cansativa, nebulosa como o dia não aguçado por nenhum raio de dor ou prazer, - eu sei disto; apenas o resumo de uma vida monótona a qual, assim como vidas monótonas de milhares como esta, foi vivida em vão e perdida : milhares delas - vidas massificadas, inúteis, frágeis, como aquelas das lagartixas torpes que podemos ver naquelas águas estagnadas. - Perdidas? Este é um ponto curioso para você estabelecer, meu amigo, você que estuda psicologia de uma forma tranqüila, diletante. Pare um momento, vou ser bem honesta. Isto é o que quero que você faça. Quero que você esconda sua repugnância, não tenha cautela com roupas limpas, e venha junto comigo - aqui, na parte mais densa do nevoeiro, da lama e dos fluidos imundos. Quero que você escute esta estória. Existe um segredo bem aqui, neste nevoeiro tenebroso, que jaz mudo por séculos. Quero torná-lo real para você. ...Esses homens, caminhando com suas faces bêbadas e cérebros cheios de poder adormecido, não pedem nada a sociedade ou a Deus. Mas suas vidas pedem algo; suas mortes também (p. 14)

E a mulher operária ocupa espaço central nesta obra, pois ela sobrevive aos terríveis sofrimentos, à fome de afeto e de justiça que conduzem o trabalhador Hugh Wolf ao desespero e à morte. Esta mesma temática - que corajosamente desmentia o mito estadunidense da mobilidade sempre em direção ao sucesso e ao crescimento como resultado de esforços individuais, é desenvolvida no romance *Margret Howth* (1862), cujas circunstâncias de publicação são bastante reveladoras das limitações impostas à mulher escritora na sociedade norte-americana do Séc. XIX. O livro havia sido originalmente concebido com o título *Os Surdos e os Mudos* pois a autora considerava que as injustiças e o terrível sofrimento da classe trabalhadora não tinham

visibilidade diante dos valores da insensível burguesia emergente, bem ilustrada nos comentários do personagem Stephen, que resolve esquecer os sentimentos que nutre pela doce, pura, obediente e pobre Margret para casar-se com Miss Herne e assim herdar a principal fábrica da cidade:

Ele havia voltado as costas para o amor, para uma doce felicidade e aconchego, enfim, para tudo que era frágil e inútil neste mundo. ... Todos os homens que ele conhecia estavam fazendo o mesmo - impelidos, empurrados, lutando para chegar ao topo, sempre para cima. Era assim o sonho americano. 'Vá em frente', as mães ensinavam para suas crianças; todo o sistema se resumia a uma escalada de prêmios brilhantes, Ele pelo menos conseguia ver o sentido maior da verdade. (LIM, p.92)

Dr. Knowles, um personagem idealista que sonha em criar uma comunidade socialista nos Estados Unidos, inicia a inocente Margret (forçada a trabalhar na fábrica em função da pobreza de sua família) na outra face da "feliz e orgulhosa America" (p. 17): "Chamei-a um pedacinho do inferno? Isto é apenas um pedacinho do sub-mundo da America - Deus nos ajude! Onde todos os homens nascem livres e iguais" (R 152); uma América povoada por prostitutas, desempregados, bêbados, crianças subnutridas e negros em trapos em busca de uma rota de fuga para a liberdade; mostra também para ela um quadro deprimente: uma jovem cujo namorado havia morrido em um acidente na fábrica e que desesperada "bebeu até à morte - um suicídio bem pitoresco"(p.153).

Concebido como um questionamento sobre a possibilidade de sobrevivência de um regime democrático numa sociedade que abraçava inquestionavelmente o capitalismo industrial que se estruturava na época, o livro foi rejeitado pois "reunia muito sofrimento de forma exageradamente deprimente" (p.90). Em apenas seis semanas de revisão, o pessimismo de um romance realista habitado por negros, fugitivos, operários bêbados, aleijados, simpatizantes do comunismo, dá lugar a uma atmosfera falsamente positiva onde os valores cristãos prevalecem e as soluções para complexos problemas econômicos e sociais ocorrem apenas no plano espiritual. A carta que a autora enviou para seu editor é clara evidência das limitações impostas pelo "establishment" (predominantemente

masculino, como sabemos) literário a uma escritora que tentava criar um trabalho inovador:

Escrevo-lhe isto para perguntar se você acha que eu poderia alterar a narrativa de forma a torná-la mais aceitável, retornando para minha idéia original. Deixe que a personagem e sua morte permaneçam (não posso desistir de tudo, compreenda) e o restante do quadro pode ser construído com uma luz saudável e aconchegante. ...Se apenas eu ousasse escrever uma história verdadeira sobre os dias de hoje! Mas mesmo em suas fases mais puras eu tive medo de tocar em assuntos proibidos; então, apenas uma pequena parte foi deixada, naturalmente. ...Sinto-me envergonhada sobre o nome - daqui para frente você irar dirigir tudo que escrevo, (pp. 288-90)

O romance foi publicado com o título *Margret Howth*, por sugestão do editor, apesar dos protestos da autora: "Não gosto do título Margret Howth de forma alguma, porque ela é um fracasso total na narrativa, além de não ser o seu núcleo" (p.290). A mesma técnica sedutora do ponto de vista empregado em LIM é desenvolvida em MH; entretanto, parece-nos que a narradora consegue a atenção do leitor através de uma estratégia paradoxal de fragilização de sua autoridade narrativa, conforme ilustramos abaixo:

Quero que você mergulhe neste lugar comum, esta vida americana vulgar, e veja o que há nela. Algumas vezes penso que ela tem um significado importantíssimo que não conseguimos ver. ... Minha estória é bem crua doméstica, como já falei - apenas um esboço rude de uma ou duas pessoas do tipo que você vê todo dia e chama às vezes de restos - um pedacinho de prosa monótona e simples, como aquelas que você mesmo pode encontrar por aí nesses armazéns ou ruas estreitas, (p.6)

Como era de se esperar, o livro não convence pelas discrepâncias entre os problemas de classe, raça e gênero que ele desenvolve, e as soluções para esses problemas, com a "linda morte" de Lois e da união romântica da Margret e Stephen. Lois, uma jovem negra piedosa e pura, com o corpo fisicamente deformado pelo trabalho na fábrica iniciado aos sete anos, vitimada pelas condições de trabalho na fábrica, acredita firmemente

que irá tornar-se poderosa no céu após sua morte prematura:

E então aconteceu que, à medida que este A-manhã se aproximava, o cérebro da jovem tornava-se mais lícido - lutando, poderia se pensar, para livrar-se de todo o peso ali colocado pelo sangue, vício ou pobreza e assim transformar-se novamente em apenas um cérebro. Talvez, mesmo em sua vida alegre e paciente, tivesse havido momentos em que ela tinha consciência do mau que haviam feito para ela, tivesse consciência de quão cruelmente o mundo a havia tratado ... E então, despertando para a consciência de poderes sufocados e uma felicidade sempre negada, ela percebia que a culpa não era dela, nem Daquele que havia destinado seu quinhão; Ele a tinha ajudado a suportá-lo - Ele próprio tendo suportado fardo bem pior. Ela não falou uma só vez "eu poderia ter sido", mas dia após dia, com mais convicção, "eu serei" (p.259)

Este 'final feliz', segundo um crítico, "tende a diluir o que provavelmente teria sido o propósito principal do livro: um testemunho da injustiça e crueldade social" (p.291). Margret, reforçando os papéis tradicionais de sua condição feminina, abandona o trabalho humanitário que vinha desenvolvendo com o Dr. Knowles junto à população carente para dedicar-se ao esposo Stephen, que abandona seus sonhos ambiciosos de riqueza para abraçar o amor e as virtudes simples de um trabalhador honesto.

Mrs. Davis teve uma carreira literária reconhecidamente profissional e bem sucedida de aproximadamente quarenta anos, ao longo dos quais publicou outros oito romances, duas coleções de contos e um livro de memórias. Entretanto, no seu obituário ela é definida como a mãe de Richard H.Davis, também romancista como ela. Seu trabalho inovador e revolucionário foi esquecido e só recentemente foi recuperado pelo esforço da crítica feminista que - como Tillie Olsen bem afirma na epígrafe do seu seminal *Silences*, tenta resgatar

nossas escritoras silenciosas, século após século com a existência consumida na dura, rotineira e essencial tarefa de manter a vida humana. Sua arte - assim como as outras contribuições - anônima, desrespeitada, não reconhecida, perdida. ... Essas que ainda são numericamente ainda bem reduzidas, porque o caminho é punitivo

BIBLIOGRAFIA

- BRONTË, C. *Shirley*. London: Penguin Books Ltd., 1994.
- CUNNINGHAM, V *Everywhere spoken against*. Oxford: Clarendon Press, 1977.
- DAVIS, R.H. *Life in the Iron Mills*. New York: The Feminist Press, 1985.
- DAVIS, R.H. *Margret Howth*. New York: The Feminist Press, 1990.
- EAGLETON, M. & PIERCE, D. *Altitudes to class in the English novel*. Thames & Hudson, London, 1979.
- ELIOT, G. *The mill on the Floss*. Hertfordshire.-Wordsworth Editions Ltd., 1995.
- ELIOT, G. *Felix Holt*. Harmondsworth: Penguin Books, 1984.
- ENGELS, F. *The condition of the working class in England*. London: Penguin Books Ltd, 1987.
- GASKELL., E. *North andsouth*. London: Penguin Books Ltd., 1970.
- GASKELL., E. *Mary Barton*. London: J.M.Dent & Sons Ltd., 1964.
- MILES, R. *The women s history ofthe World*. London: Paladin, 1989.
- OLAFSON, E. et alli (ed.) *Victorian women*. Brighton: The Harvester Press, 1981.
- OLSEN, T. *Silences*. New York: Dell Publishing Co., Inc. 1978.
- PERKINS, J. *Victorian women!*NewYork New York University Press, 1993.
- SPRINGER, M. "Angels and other women in Victorian literature", in SPRINGER, M.(ed). *What manner of Woman*. New York: New York University Press, 1977, pp. 125-59.
- WILLIAMS, R. *Gulture and Society*. London: Penguin Books Ltd., 1985.
- Women in Britain*. H.M.S.O., London, 1991.
- OBS.: AS traduções no corpo do texto são minhas.